

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**

**Centro de Artes**

**Curso de Teatro - Licenciatura**

**Trabalho de Conclusão de Curso**



**A IMPORTÂNCIA DO PROJETO DE EXTENSÃO “TOCO” NA ESCOLA E NA FORMAÇÃO  
DO ACADÊMICO DE TEATRO: UM OLHAR A PARTIR DA EXPERIÊNCIA VIVIDA**

**Alisson Godoi**

**Pelotas, 2022**

**Alisson Godoi**

**A IMPORTÂNCIA DO PROJETO DE EXTENSÃO “TOCO” NA ESCOLA E NA FORMAÇÃO  
DO ACADÊMICO DE TEATRO: UM OLHAR A PARTIR DA EXPERIÊNCIA VIVIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Centro de Artes da Universidade Federal de  
Pelotas, como requisito parcial à obtenção do  
título de Licenciatura em Teatro.

Orientadora: Fabiane Tejada

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

G588i Godoi, Alisson Luiz Cardoso Samboray

A importância do projeto de extensão "TOCO" na escola e na formação do acadêmico de teatro : um olhar a partir da experiência vivida / Alisson Luiz Cardoso Samboray Godoi ; Fabiane Tejada da Silveira, orientadora. — Pelotas, 2022.

35 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Teatro) — Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Teatro licenciatura. 2. Teatro do Oprimido na Comunidade. 3. Prática pedagógica. 4. Professor. 5. Espectador. I. Silveira, Fabiane Tejada da, orient. II. Título.

CDD : 792

Alisson Godoi

A IMPORTÂNCIA DO PROJETO DE EXTENSÃO “TOCO” NA ESCOLA E NA FORMAÇÃO DO ACADÊMICO DE TEATRO: UM OLHAR A PARTIR DA EXPERIÊNCIA VIVIDA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Teatro.

Data da defesa:30/11/2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr<sup>a</sup>. Fabiane Tejada da Silveira

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas.

Prof<sup>a</sup>. Vera Saldanha Fernandes (Rede Pública e integrante do TOCO)

Ginástica Escolar pela Universidade Federal de Pelotas.

Prof<sup>a</sup>. Dr. Vanessa Caldeira Leite

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas.

## Agradecimentos

Primeiramente quero agradecer a Deus, pois ele quem acompanhou esse desejo desde pequeno ainda, de estar em um curso de teatro, mesmo lá quando ainda uma criança, um adolescente, eu achando que era algo inalcançável, eu sempre mantive esse desejo no meu coração e aqui estou, e sei que Deus me deu esse suporte de acreditar e confiar que um dia eu chegaria até onde cheguei, e até onde nem eu mesmo imaginava que chegaria. Deus sempre nos surpreende de alguma forma.

Agradeço também a minha família, mãe, pai e irmãos, que sempre de alguma forma me deram algum auxílio pra eu continuar aqui, mesmo dentro de suas limitações, mas o necessário pra que eu conseguisse alcançar meus objetivos até aqui.

Agradeço também a alguns professores que foram essenciais nesse processo de formação, como a minha orientadora Fabiane Tejada, uma pessoa inigualável, que nesses anos todos eu aprendi a ter um carinho muito grande, onde eu com ela eu aprendi e cresci muito, só tenho a agradecer a essa pessoa maravilhosa. Também quero deixar registrado aqui meu agradecimento a professora Andriza Kemel Zanella, onde convivi na época do estágio 1 e também na minha primeira parte da orientação, uma pessoa muito sensível, no qual eu me identifiquei muito com a forma de pensar, eu jamais vou esquecer algumas conversas e reflexões que tivemos. Também não posso deixar de mencionar aqui a professora Aline Castammam, que em dois momentos específicos segurou minha mão quando nenhum outro professor soube agir, em um momento de crise ansiedade, me guiou me dando caminho, mostrando que eu iria conseguir sim, esses dois momentos eu jamais vou esquecer, ficarão fixados na minha memória, por que foi uma atitude que quando em outros momentos que aquilo também aconteceu, nenhum outro que presenciou algo daquele tipo acontecer comigo, teve aquele olhar sensível e humano.

E por fim, quero agradecer meus colegas e amigos, que sempre estiveram do meu lado, em dias bons e ruins, me incentivando a nunca desistir.

“O educador se eterniza em cada ser que educa.” Paulo Freire

## RESUMO

GODOI, Alisson. **A IMPORTÂNCIA DO PROJETO DE EXTENSÃO “TOCO” NA ESCOLA E NA FORMAÇÃO DO ACADÊMICO DE TEATRO: UM OLHAR A PARTIR DA EXPERIÊNCIA VIVIDA**. Orientadora: Fabiane Tejada. 2022. 41f. Trabalho de conclusão de curso – Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

### Resumo

Esta pesquisa busca refletir sobre a minha trajetória de formação no Curso de Teatro-Licenciatura da UFPel, com destaque para análise das vivências que tive no projeto de extensão universitária, denominado Teatro do Oprimido na Comunidade- TOCO. O projeto promove práticas com a metodologia do Teatro do Oprimido em comunidades da cidade de Pelotas e região sul do estado do Rio Grande do Sul. Através da metodologia de pesquisa de caráter autobiográfico revelo como as experiências de inserção nas reflexões sobre a obra de Paulo Freire e Augusto Boal e do desenvolvimento de prática-pedagógica em uma escola pública da cidade de Pelotas, propostas pelo projeto TOCO, no período em que participei do projeto, são transformadoras para a minha vida acadêmica e pessoal. O estudo revela como vou me formando professor na ação-reflexão sobre a prática artística e pedagógica que vai se forjando ao longo do curso, no encontro com as minhas dificuldades de permanência e como espect-ator que se reconhece em construção.

**Palavras Chaves:** Teatro Licenciatura, Teatro do Oprimido na Comunidade, prática-pedagógica, professor, espect-ator

## ABSTRACT

GODOI, Alison. **THE IMPORTANCE OF THE “TOCO” EXTENSION PROJECT IN THE SCHOOL AND IN THE TRAINING OF THEATER SCHOOL: A VIEW FROM LIVING EXPERIENCE**. Advisor: Fabiane Tejada. 2022. 41f. Completion of course work – Arts Center, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2022.

This research seeks to reflect on my training trajectory in the Theater Course - Degree at UFPel, with emphasis on the analysis of the experiences I had in the university extension project, called Theater of the Oppressed in the Community - TOCO. The project promotes practices with the Theater of the Oppressed methodology in communities in the city of Pelotas and in the southern region of the state of Rio Grande do Sul. Through the research methodology of an autobiographical character, I reveal how the experiences of insertion in the reflections on the work of Paulo Freire and Augusto Boal and the development of pedagogical practice in a public school in the city of Pelotas, proposed by the TOCO project, in the period in which participated in the project, are transformative for my academic and personal life. The study reveals how I become a teacher in the action-reflection on the artistic and pedagogical practice that is forged throughout the course, in the encounter with my permanence difficulties and as a spect-actor that recognizes itself in construction.

**Keywords:** Theater Degree, Theater of the Oppressed in the Community, practical-pedagogical, teacher, spect-actor.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Oficina sobre violência doméstica.....	28
Figura 2 e 3: Oficina sobre pautas raciais.....	28
Figura 4 e 5: Roda de conversa e atuação.....	29
Figura 6 e 7: Atuação em manifestações.....	29

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

UFPel          Universidade Federal de Pelotas

COVID-19      Coronavírus

TOCO      Teatro do Oprimido na Comunidade

## SUMÁRIO

<b>1.Introdução.....</b>	<b>11</b>
<b>2.O que me trouxe até aqui: o encontro com o teatro e o TOCO .....</b>	<b>15</b>
<b>3.O TOCO: cenas de um vivido.....</b>	<b>25</b>
<b>4. A importância do teatro do oprimido na escola.....</b>	<b>31</b>
<b>5. A importância do teatro do oprimido na formação do acadêmico do Curso de Teatro Licenciatura: diálogos com a experiência vivida.....</b>	<b>35</b>
<b>6.Considerações finais .....</b>	<b>38</b>
<b>Referências.....</b>	<b>40</b>

## 1.INTRODUÇÃO

Neste trabalho de conclusão de curso, tematizo a importância do Projeto de Extensão Universitária TOCO - Teatro do Oprimido na Comunidade - na escola e na formação do acadêmico de teatro a partir da experiência vivida por mim no projeto, desde o ano de 2017.

Na pesquisa, iniciada no ano de 2021, em meio a pandemia do COVID 19, busco refletir e aprofundar a experiência que vivi a partir das atividades desenvolvidas no projeto de extensão universitária, resgatando memórias e problematizando o entendimento da importância do aluno extensionista dentro da comunidade e para meu processo de formação como um futuro professor de teatro.

O objetivo principal da pesquisa foi refletir sobre a relação entre educação e teatro a partir das experiências vividas no decurso da formação no curso de Teatro Licenciatura da UFPel, enfatizando o período de atuação no TOCO. Como objetivos específicos: contextualizar sobre o TOCO e suas ações na escola; narrar as experiências vividas no TOCO; e, discutir e problematizar a relação entre educação e teatro a partir do vivido. Busco identificar a força que o teatro, como arte transformadora, traz para a vida de uma pessoa/aluno e em encontro com isso na escola como comunidade, visando a mesma ideia de transformação através da educação, seja ela através do ensino e/ou de um pensamento crítico. Diante disso apresento como problema de pesquisa: Qual a contribuição do projeto de extensão Teatro do Oprimido na Comunidade – TOCO – na escola e na formação do estudante do curso de teatro licenciatura?

Percebo que a vivência desses dois campos, o teatral e o escolar, me trouxe amplitude para esse entendimento, me fazendo enxergar eles (Teatro e Escola) como um só, por conta da ação transformadora que pode provocar a quem está vivenciando a arte e o ensino. Essas duas vertentes chegaram até mim como um divisor de águas para meu caminho percorrido até aqui.

Diante disso, o motivo que me guiou a fazer este trabalho de pesquisa se dá através da minha experiência no projeto de extensão TOCO, que teve uma importância muito grande para a minha permanência e vínculo ao Curso. Foi a partir do momento que integrei o projeto que compreendi meu lugar no Curso, meu papel como futuro professor de teatro e a importância do TOCO dentro da comunidade escolar. Percebi como o Teatro do Oprimido pode servir de auxílio para pessoas que

estão em algum tipo de situação opressiva e não conseguem se libertar, o projeto TOCO além de propor um teatro social, comunitário e humanitário, é também um teatro político. No decorrer de minha experiência pude perceber a sua relevância para minha formação como futuro professor, me proporcionando estar em sala de aula, superando desafios e limites que eu mesmo criava para mim. Fez-me perceber algo gigantesco e poderoso, que é a ação crítica que o teatro e a educação provocam na vida de quem experiencia as duas áreas articuladas, este aspecto destaca-se na realização desta pesquisa, entendo que todo artista/educador deva passar por um processo como este, que para mim foi lindo e envolvente.

Buscando informações sobre o que já foi produzido no Curso de Teatro Licenciatura da UFPel sobre o Teatro do Oprimido, fui até o site do curso e fiz um levantamento, por título, de TCCs desde o ano de 2011 até 24 de novembro de 2021, que vinham ao encontro da minha pesquisa. De um total de 132 trabalhos, somente 4 convergiam com o meu tema de pesquisa. 3 que trazem no título Teatro do Oprimido e 1 que aborda a questão social do arte-educador comunitário.

O primeiro trabalho produzido com esta temática foi em 2011, de autoria de Célio dos Santos Soares Júnior, com o título "Teatro do Oprimido na Comunidade: à praxis em dois bairros periféricos da cidade de Pelotas." O segundo em 2015, autoria de Everton Mariano de Lima, intitulado "Experienciando o Teatro Comunitário: A função social do arte-educador comunitário." O terceiro em 2017, autoria de Carlos Eduardo Roberto Escouto, com o título "Outros modelos de educação são possíveis: o teatro do oprimido como estratégia pedagógica para uma escola melhor". E o quarto, do ano de 2020, de Ismáiler Borges Rodriguez, "Teatro do Oprimido na Comunidade: a extensão universitária na escola e a formação de um professor de teatro." Este último foi o que mais se aproximou de minha escrita neste projeto, pois aborda o tema do Teatro do Oprimido e a formação do professor de teatro na escola. Célio, Carlos e Ismáiler também foram integrantes do Projeto de extensão Teatro do Oprimido na Comunidade- TOCO em seus percursos de graduandos no Curso de Teatro-Licenciatura da UFPel.

A metodologia caracteriza-se por ser uma pesquisa de abordagem qualitativa, tendo como principal referência teórica Maria Cecília de Souza Minayo (1994) que enfoca a pesquisa a partir das realidades sociais considerando histórias, significados, valores e atitudes de atores sociais. Apoio-me nas pesquisas (auto)biográficas para a

partir da escrita narrativa da minha história de vida, enfatizar o que vivi desde o ingresso no Curso de Teatro Licenciatura da UFPel, problematizando a importância do projeto de extensão TOCO na formação dos estudantes da Educação Básica, sua repercussão na escola pública e na minha formação enquanto acadêmico do Curso de Teatro Licenciatura.

Através do processo de escrita desta pesquisa, me vieram vários insights sobre minhas vivências. Um ponto importante no decorrer do processo, foi a criação de vídeos, que foi a estratégia que utilizei para a escrita da minha narrativa, e da gravação de “áudios” durante as conversas de orientação com minhas orientadoras. No projeto em teatro I, fui orientado pela professora Andrisa Zanella e neste Projeto em Teatro II pela professora Fabiane Tejada da Silveira. Nos vídeos eu relatei o caminho percorrido até chegar aqui. Consegui com mais facilidade transcorrer sobre, passando as falas dos vídeos para a escrita. Percebi que o vídeo era um disparador de memórias, como se eu estivesse contando para alguém sobre aquilo que eu tinha vivido. As lembranças vinham cada vez mais!

Cabe ressaltar que no segundo vídeo que gravei para enviar para minha orientadora, me veio ao final a palavra "refúgio", que era uma provocação vinda da minha orientadora, me questionando sobre o que o TOCO significava para mim, eu trouxe como resposta, "um lugar de refúgio".

A partir da provocação em um de nossos encontros, logo me veio à mente a palavra refúgio, que tem o significado de: lugar onde se foge para escapar de um perigo; ou em um sentido figurado: aquilo que serve de amparo, proteção. Assim viveu Augusto Boal (idealizador do Teatro do Oprimido) em seu tempo de exílio fora do Brasil, o exílio apesar de todas as dificuldades que havia, estimulou a possibilidade de criação para Augusto Boal, durante a ditadura, enquanto queriam o calar ele criava e falava! O tempo de exílio foi o processo de criação do Teatro do Oprimido, usando para combater as opressões que eram vistas durante a ditadura, como um teatro político e uma canal utilizado como expressão naquele meio social.

Sendo assim, o TOCO, me remeteu a esse refúgio, como lugar de um campo comunitário social para potencializar minhas ideias de luta, e no meio de toda a vivência no projeto de extensão Teatro do Oprimido na Comunidade, eu pude perceber além disso o que também me perpassou, o que pude trazer dentro do meio pedagógico através das oficinas ministradas pelo TOCO na escola Santa Rita, desse lugar de aprendizado, lugar de acolhimento, lugar de refúgio, pois ao mesmo tempo

que trago um ensinamento, este aprendizado vem de forma veemente sobre mim, trazendo um ponto significativo sobre a palavra refúgio.

## 2. O que me trouxe até aqui: o encontro com o teatro e o TOCO<sup>1</sup>

Essa história começa na minha infância, não sei exatamente em que parte dela, mas lembro que quando eu era pequeno, dizia para minha mãe que quando eu crescesse iria ser ator, dizia isso mesmo sem ter o que me instigasse ou chamasse atenção, até porque nem na minha cidade existia muito a cultura teatral ou vinha algum outro tipo de arte de fora, então não consigo trazer algo na memória que me trouxesse esse desejo, mas sei que ele veio desde minha infância. Toda vez que eu dizia que queria ser ator, era esnobado por minha mãe, que falava a seguir "só se for atormentado", trazido como uma "brincadeira" mas eu via ali um deboche. Mesmo com o passar do tempo eu afirmando essa ideia de atuar, sempre percebi que era um sonho muito distante de mim, primeiro porque não havia um incentivo que me ajudasse a buscar por aquilo, e segundo porque para eu ser ator, fazer teatro, eu teria que sair da minha cidade, buscar um conhecimento sobre a área, e só o sair da cidade onde nasci já era outro impedimento por conta da família, que não apoiava muito.

Anos passados, adolescência vivida, complexos surgiam, crises de ansiedade e diagnóstico de síndrome do pânico. Terminando o ensino médio, tinha uma decisão a tomar, arrumar um emprego ou fazer uma faculdade. O Exame Nacional do Ensino Médio- ENEM, estava se aproximando, me inscrevi, e fiz o exame, na minha cidade tinha uma universidade pública e eu não tinha condições de bancar um curso em universidade ou faculdade particular, então escolhi um curso que me chamasse mais atenção na universidade pública da cidade, entrei para a biotecnologia, mas sabia que não era o que de fato eu queria.

Sempre tive muita dificuldade de me expor em público, quando tinha trabalhos em grupo e tinha que falar na frente da turma, eu já ficava nervoso e dava tudo errado, travava todo, fiquei um semestre e meio no curso, me inscrevi no ENEM novamente, e me deparei com o momento de escolher outro curso, mas eu não sabia o que fazer, senti como um estalo na minha cabeça "TEATRO", já que era o que eu sempre quis. Procurei o curso mais perto da minha cidade e achei na Universidade Federal de Pelotas- UFPel, já tinha ido uma vez a cidade e tinha parentes lá, até então não muito próximos. Fiz minha inscrição como segunda opção no ENEM sem contar para minha

---

1

mãe, pela suposição de que minha família pudesse não deixar eu sair de casa para estudar fora, mesmo sabendo que a vida toda era isso que eu queria.

É de conhecimento público que os cursos ligados as Artes normalmente tem um “status” menor que outros cursos de graduação, infelizmente a importância da arte na vida das pessoas não é reconhecida como deveria pela sociedade, e os/as produtores/as de arte e artistas muitas vezes são marginalizados/as, e mal remunerados, não é diferente com a profissão docente, mas não vou aprofundar este debate que deve ser bem estruturado e fundamentado, aqui neste trabalho, trago como registro de denúncia para que sempre que possível esta questão seja problematizada para transformarmos esta realidade.

Os dias e os meses foram passando e as coisas foram dando certo, fui chamado para o curso de Teatro Licenciatura na UFPel, me mudei para a cidade de Pelotas, na segunda semana de aula. Era tudo novidade, pessoas, cidade, curso, muitas emoções à flor da pele.

Quando eu cheguei no curso, comecei a praticar as aulas, percebi que realmente era aquilo que eu queria para mim, eu sentia a emoção de minha vida toda querer algo e finalmente estar realizando aquele sonho, que muitas vezes parecia ser tão distante de mim. Lembro que muitas vezes eu me emocionava em aula sozinho, dizendo para mim mesmo, "eu estou fazendo teatro" e aquilo fazia meu coração transbordar de alegria, eu me arrepiava todo, pra mim era o máximo.

Como nem tudo é alegria, meu começo também foi de desafios, como eu sempre tive problemas com aceitação, religião, preocupação com tudo, essa nova vida provavelmente também seria afetada com minha ansiedade. Dito e feito, o teatro é pura exposição, e isso ia ser um problema e tanto para mim, pois eu teria que saber lidar com isso, mas o início foi bem difícil, eu saía correndo da sala de aula, travava, entrava em pânico, e aquilo me deixava muito triste, porque eu sabia que aquilo era o que eu realmente queria, mas a ansiedade estava tirando de mim, não me permitia ir além e viver aquele sonho.

O semestre ia se desenvolvendo e eu não conseguia avançar, meus medos me limitavam muito, isso me entristecia, poucos professores entendiam, ou percebiam, perdi os dois primeiros semestres por conta de meus problemas psicológicos. Aprendi refletindo sobre este começo de curso, que preciso ser um professor com um olhar atento ao que se passa na vida dos estudantes. Como estas pessoas chegam e passam na vida de um professor? Perguntas que pretendo levar para minha prática-

pedagógica. Não existe a resposta certa, mas precisamos nos questionar durante o processo de docência.

No início do ano de 2016 eu iniciei o tratamento psicológico, dedicado a mim, pelo o setor que cuida da permanência dos estudantes da UFPel, ligado a Pró-reitoria de Assuntos Estudantis- PRAE, minhas crises de ansiedade e pânico foram se agravando, até chegar um momento em que a assistência estudantil da universidade optou por eu trancar o curso e voltar assim que eu estivesse mais reestabelecido. É importante destacar neste estudo que as políticas de permanência para estudantes com algum tipo de vulnerabilidade social são fundamentais para que consigamos chegar nesta etapa de desenvolvimento do curso, a elaboração de um trabalho de conclusão, para além do interesse e incentivo dos professores do curso no estudante.

Fiz o que foi indicado pela PRAE naquele momento! Voltei para minha cidade. Nesse meio tempo, antes de eu voltar, fui a dois encontros de um projeto de extensão do curso de Teatro, o projeto TOCO - Teatro do Oprimido na Comunidade, que visa trabalhar todos os tipos de opressões que vemos dentro da sociedade, e usar do meio teatral para discutir e problematizar através da teatralidade. No TOCO o teatro é abordado como arte possível de combater toda e qualquer tipo de opressão, baseada no diálogo como linha de pensamento. Percebi nos encontros que os estudos no projeto buscavam conhecer a teoria formulada pelo criador do método de Teatro do Oprimido -TO, Augusto Boal, importante teatrólogo brasileiro, e buscavam aproximações com a abordagem da obra “Pedagogia do Oprimido” do educador Paulo Freire.

Até então, eu estava frustrado com muita coisa, triste, me sentindo desolado, parecia que todo meu sonho estava indo por água abaixo, tive duas tentativas de suicídio dentro de um relacionamento conturbado, tudo me afetando, minha cabeça “a milhão” como dizemos na gíria popular, para destacar uma desorientação momentânea. Meu momento de transformação, talvez até de impacto positivo, para eu me reorientar foi nesse encontro do TOCO, coordenado pela professora Fabiane Tejada, orientadora atual desta pesquisa.

O curso estava com um professor novo em seu quadro, Davi Giordano, eu lembro que ele falava muito rápido em aula, às vezes me perdia, num desses encontros do TOCO ele foi falar um pouco do trabalho dele na cidade de São Paulo, não levei muita fé inicialmente, devido a “primeira impressão” da fala, mas quando ele começou a contar sua relação com a arte, eu fiquei vidrado nas informações. Falou

de uma mulher performer, chamada Marina Abramovich, a fala me chamou muito atenção, eu sempre tive muita dificuldade de ter atenção às coisas, mas nesse dia eu fiquei paralisado, só absorvendo as informações que aquele jovem homem relatava, contando a história de como a performance "O artista está presente" da artista Marina Abramovich, teria mudado a vida de um aluno, aquilo me chamou muita atenção.

Em um certo momento ele falou uma frase que me impactou muito "A arte pode mudar vidas", quando ele falou aquilo, na mesma hora veio na minha cabeça, se a arte pode mudar vidas, ela também pode mudar a minha vida. Aquele momento foi um dos pontos-chaves para eu entender meu papel dentro daquele curso.

Logo que pausei o curso na Universidade, voltando pra minha cidade, fiquei com muitas questões na cabeça, após o encontro com o TOCO, aqueles momentos me ajudaram a deixar nítido bastante coisa, que em certo momento comecei a me questionar, como opressor de mim mesmo, me permitindo muitas vezes a aceitar por uma guerra interior, acreditando que as coisas não eram possíveis pra mim, que eu não tinha mais uma saída, mas vi uma solução na arte como abrigo para me acolher, um refúgio como abordei no início desta escrita, parei e observei tudo que tinha passado até ali, tudo que me fez chegar até aquele ponto.

Até então, eu sabia que dentro do método TO (Teatro do Oprimido) existem várias técnicas que se trabalha para o desenvolvimento de processos de atuação com qualquer pessoa interessada e dedicada a participar deste processo, como ferramentas para desconstruir as opressões impostas pela sociedade, uma dessas técnicas realizadas por Augusto Boal, era o "Arco Íris do Desejo", um teatro terapêutico, que fala de nossas opressões e pressões interiores, das nossas vontades e desejos. A partir das técnicas do "Arco Íris do Desejo" começaram meus questionamentos sobre a necessidade de querer me entender mais, e me afirmar, entendendo que essa transformação através da arte, do teatro, era possível.

O Teatro do Oprimido veio como uma ruptura, rasgando meus medos e criando uma coragem e estimulando, para eu ser transformado e transformar vidas através daquela arte que estava pulsante dentro de mim. Eu queria desbravar aquilo tudo, porém já estava na minha cidade, e fui pesquisando coisas sobre o teatro por meu desejo, na minha cabeça eu fui criando uma teoria que já existia, e através de pesquisas, conheci o Psicodrama, método terapêutico da psicologia que trabalha também as opressões da sociedade internas, método muitas vezes comparado com o Arco Íris do Desejo, de Augusto Boal, isso tudo foi essencial para me ajudar e

fortalecer. Com minhas leituras descobri que Jacob Levy Moreno, criador do psicodrama, propõe um tratamento terapêutico a partir de técnicas de dramatização, no entanto, apesar de ter algumas semelhanças tem diferenças com o Teatro do Oprimido.

Passado meio ano em casa, voltei a faculdade e retornei para o projeto de extensão TOCO. Logo de início recebemos a oportunidade de trabalhar na Escola Estadual Santa Rita, onde atuaríamos como oficinairos do teatro do Oprimido, com algumas turmas. Nesse momento veio todo aquele medo que eu sentia no início do curso, de quando eu lembrava que em algum momento do curso eu iria passar pelo estágio e enfrentaria uma sala de aula, porém essa experiência que para mim parecia assustadora, não seria para aquele momento, mas se adiantou e chegou mais rápido do que eu imaginava.

Através do TOCO entrei na escola, este lugar que até então eu temia, e em nossas reuniões, primeiro com a escola e sua representante, a diretora Vera Fernandes Saldanha, professora da área de Educação Física e incentivadora do projeto na escola, decidimos turmas, dias e duplas com quem atuaríamos desenvolvendo atividades com o Teatro do Oprimido, até então tudo bem, eu estava com o coletivo (estudantes do curso de teatro integrantes do TOCO, coordenadora e professora da escola), sentindo-me seguro.

Chegando o primeiro dia de aula na escola, lembro-me como se fosse hoje, eu estava ali me sentindo “escorado” na minha dupla, tinha medo, vergonha de falar algo, me expor, vez e outra daquela tarde eu auxiliava em algo, me apresentei, tudo certinho, mesmo com todos os medos, eu gostei daquela tarde, daquele entrosamento com os alunos e a escola.

Desde o início fomos bem recebidos e acolhidos pela direção e corpo docente, era uma novidade para mim, uma novidade temida. Eu sabia o que fazer ali, pois conhecia o trabalho, tinha domínio sobre o que me era incumbido a trabalhar lá, mas eu nunca tinha estado em frente a turma de alunos, nunca imaginei aquilo, não estava dentro dos meus planos, nunca optei pela licenciatura.

Quando eu fui aprovado no curso de teatro, descobri que era licenciatura somente quando saiu a capa do facebook para os alunos bixos do curso, mas acabei que não dei importância para aquilo, o que importava era que eu estava dentro do curso dos meus sonhos!

Voltando a parte sobre meu início na escola. Aos poucos fui me familiarizando mais com aquele espaço/escola como comunidade, e “pegando o jeito”, mas eu sempre me colocava como um segundo plano ali, custou eu ter voz por vontade própria, porém, aos poucos, fui aparecendo mais, fui tendo mais intimidade com os alunos, professores, funcionários e escola como um todo.

Certa vez, um de meus colegas de dupla não pode ir, convidei então um outro que já tinha sido dupla minha também, concordou em ir, mas dizendo que tinha coisas para fazer, mas que poderia ir comigo, no entanto para não atrapalhar ele, eu disse que eu ia sozinho, não queria deixar que ele ficasse sem fazer os compromissos dele.

Cheguei na escola sozinho, com medo, nervoso, preocupado, sem saber como eu iria agir, que jogos trabalhar, eu nunca tinha levado nada, sempre ia nas costas dos outros, mas aquele momento precisava chegar. Fui no ônibus que me levava à escola pesquisando, pensando no que iria desenvolver, num nervosismo só. Cheguei à escola, fiz meu trabalho, conversei com eles, o medo que me dominava se transformou em mansidão e desejo, a partir daquele dia eu preferi trabalhar de modo solo, não que eu não gostasse de trabalhar com meus colegas, mas acredito que cada um tenha sua forma de trabalhar, eu fui me soltando, aprendendo a andar sozinho, com meus pés, sem medo ou julgamentos.

Com o passar dos meses, outras duplas que trabalhavam na escola através do projeto TOCO, começaram a se ocupar com outras coisas da universidade, e fui cobrindo os espaços que iam ficando vagos, o que era combinado de ficarmos na escola por um período de 45min, me vi ocupando todos os períodos da escola, quando faltava professor eu ia, já participava das reuniões e eventos da escola, o TOCO estava presente em tudo. A Escola Santa Rita foi o início de um aprendizado muito importante para mim, considero um lindo trabalho.

Eu me lembro que quando cheguei na escola, os alunos não estavam acostumados com a palavra opressão, conheciam mais por bullying e nem entendiam direito. Inicialmente conversei sobre a teoria do Teatro do Oprimido que embasaria nosso trabalho, para depois desenvolver jogos com as turmas, para que eles pudessem entender e falar na mesma linguagem. Às vezes era muito difícil manter a atenção dos alunos, eram adolescentes com dificuldades de se focarem no trabalho, momento de vida de grandes transformações físicas e psicológicas, e muitas vezes na concepção deles, eles não estavam na escola para aprender teatro.

Muitos alunos nesta fase, principalmente, vão à escola por obrigação de seus pais, mas eu sabia que meu papel ali não era apenas de ensinar teatro a eles, até porque realmente não é esse o papel do teatro do oprimido, mas sim propor uma linguagem de expressão crítica sobre a realidade. O TO cumpre um papel político importante, no entanto cabe destacar, que eu não estava indo à escola falar diretamente de política, mas sim de comportamentos, ações e pensamentos. Segundo Freire

A raiz mais profunda da politicidade da educação se acha na educabilidade mesma do ser humano. Que se funda na sua natureza inacabada e da qual se tornou consciente. Inacabado e consciente de seu inacabamento, histórico, necessariamente o ser humano se faria um ser ético, um ser de opção, de decisão (FREIRE, 2013, p.108).

Neste momento os alunos já entendiam o conteúdo do método que era ministrado ali, cada vez que surgia algum tipo de situação em sala de aula que eu estivesse junto, eles apontavam, "professor, fulaninho está me oprimindo" e já trabalhava em cima daquela situação, aos poucos fui começando a observar tudo que acontecia na escola, as opressões que aconteciam entre alunos e até mesmo entre professores e alunos. Tudo com muito cuidado e respeito na abordagem com os alunos sobre algum acontecimento com os profissionais da escola. O projeto tem reuniões semanais da coordenadora professora da universidade, com os ministrantes do projeto na escola, os estudantes da universidade, o que era meu caso ali. Nestas reuniões planejamos e avaliamos as atividades que acontecem na escola.

O tempo passou e eu já estava fechando dois semestres na escola, era um dia de dezembro, fim de ano, quando cheguei na escola e a diretora me relatou uma situação que aconteceu, entre alunos no momento da entrada na escola. Um dos alunos do sétimo ano cuspiu em uma colega, o jovem por sua vez disse que não foi proposital para atingir ela, e a menina o acusava de ter cuspidido nela. A Diretora me pediu, se fosse possível que eu abordasse aquela situação no desenvolvimento da minha oficina.

Iniciei o trabalho da tarde e não sabia direito como iniciar o debate sobre a situação que tinha ocorrido mais cedo. Reuni os alunos em roda como sempre fazia no início da aula, e então tive uma ideia, estávamos no pátio da escola, onde havia brinquedos, liberei eles para fazerem o que quisessem, para que se sentissem a vontade, descontraídos, enquanto sentei no gramado e fui conversando com um a um

de forma separada, e fiz alguns questionamentos a eles de forma igual a todos, por um lado seria como um material para mim, até mesmo para saber os resultados que estava tendo até ali com as oficinas propostas pelo nosso grupo do TOCO.

Perguntei a eles qual a visão que tinham sobre o antes e o depois de vivenciarem as oficinas sobre opressão, o que entendiam até aquele momento, e se depois de tudo que falamos em sala de aula, conseguiam me passar um momento em que já tinham se percebido como opressor ou oprimido. A partir destas conversas com eles, muitas coisas surgiram, desabafos, angústias, e até choros, mas tendo um cuidado de não entrar no papel de terapia, que era algo que minha coordenadora do TOCO, sempre nos alertava, porque não era esse o nosso foco ali, ou seja, aprofundar questões ligadas ao trabalho mais específico que deveria ser desenvolvido por outras áreas do conhecimento, como por exemplo, psicopedagogas, psicólogas ou orientadoras educacionais.

Tive esse cuidado e atenção naquela tarde, vi relatos fortes, lembro de uma aluna que chorou, dizendo que estava há alguns dias brigada com sua irmã, dizia que sua irmã a xingava, diminuía ela, falava do seu cabelo e sobre sua cor e aquilo a deixava mal, ela me disse que se sentia oprimida, respondendo, neste momento, a umas das perguntas que fiz sobre se perceber como opressor ou oprimida, ou se já viu acontecer alguma situação ao seu redor, meu papel foi tentar mostrar uma possibilidade de “tomada de consciência” através do teatro.

Considero que o mais interessante disso tudo, foi ver os alunos conseguindo perceber às vezes em que foram opressores, quais as atitudes que podiam levar a oprimir alguém, e eu digo interessante porque muitas vezes por conta do orgulho, somos incapazes de compreender e aceitar que também podemos estar na posição de opressor e se perceber assim, é muito difícil. Foi um avanço imenso para mim toda aquela experiência, me trazendo maturidade profissional, de lembrar do início chegando na escola e ver tudo o que eu tinha conseguido passar para os alunos, fazê-los pensarem sobre seus atos, ver o envolvimento deles, ali eu conseguia observar, eu aprendi muito. Era uma escola para mim também.

O ponto ápice, foi eu me perceber ali na escola, em um espaço que eu via com um certo temor, com nervosismos e preocupações de enfrentá-lo, no início não imaginava aquele lugar como um espaço que estimulasse meus desejos e vontades, não era essa minha percepção sobre o que queria ser profissionalmente, nunca foi, mas eu estava lá, envolvido, interagindo e aprendendo cada dia com as pessoas

daquele lugar. Descobri na escola um poder de transformação, com toda minha experiência dia após dia dentro da escola, vivenciando tudo, consegui enxergar um meio de transformação, seja de pessoas com capacidades de tocar e transformar a vida das outras, ou seja através do potencial dos conhecimentos que estão sendo ensinados ali, a partir desta experiência me surge como importante a ideia de formação para um conhecimento e pensamento crítico sobre a realidade, e quando eu tive essa nitidez, me dei de conta de que o teatro como arte, também tem esse poder de agir através na vida das pessoas, de transformar, mudar, provocar, assim como fez comigo no meio do curso.

Entendo meu papel ali, como arte-educador podendo mudar a vida de pessoas, e eu vivendo uma situação psicológica que, pudesse me levar a uma depressão até mesmo, consegui me levantar graças ao poder que o teatro como arte tem sobre mim, e a forma como me toca e me provoca. A sensação de entender isso é incrível, eu chamo de insight, onde tenho a clareza da realidade do que isso importa pra mim e o quão potente é, e como pode ser influenciador na vida das pessoas, e o mais forte é que encontrei meu lugar no TOCO, com esse papel também, porque através do ~~de~~-Teatro do Oprimido, podemos ajudar pessoas a saírem de situações opressivas, de se libertar de uma vida de engano e sofrimento, em não aceitar ser humilhado, vítimas do preconceito e saber se defender de uma sociedade julgadora, porém esse se defender é não se sobressair, não passar de opressor para oprimido, mas sempre através do diálogo, como nos ensina Paulo Freire, e por onde Augusto Boal, também trilha suas reflexões.

Quando eu tive a compreensão de que a escola tinha aquele papel de auxiliar o aluno a desenvolver um pensamento sobre a sociedade, através do conhecimento escolar e todas as vivências dentro da escola, eu fiz a reflexão de como o teatro como arte também me provocava dessa forma, e trazer o teatro para dentro da escola seria uma forte arma para agir através da educação, foi o que mudou minha visão sobre a educação, sobre a arte e sobre o palco. Consegui enxergar ali um educador. Coisa que eu não me percebia antes desta experiência, mas já gritava dentro de mim como uma opção, a arte como força e potência em minhas mãos, educar com saber, educar com arte, com domínio sobre o que se está sendo ensinado. Para Freire:

Ensinar e aprender têm que ver com esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando como sujeito

em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar (*FREIRE*, 2013, p.116).

Fui observando que minha relação com aqueles jovens na escola já era de construção de um conhecimento mediado pelas trocas através da linguagem teatral.

### 3. O TOCO: cenas de um vivido<sup>2</sup>

O Projeto de Extensão TOCO - Teatro do Oprimido na Comunidade nasce do desejo de um grupo de alunos da primeira turma do Curso de Teatro- Licenciatura do Centro de Artes da UFPel, em 2010. Depois de discussões e reflexões durante a disciplina de Teatro na Educação III (após mudanças curriculares hoje este componente curricular é denominado de Pedagogia do Teatro III), que visa seu desenvolvimento a partir do enfoque principal no teatro em comunidades. Este projeto em sua criação nos anos de 2010 e 2011 foi fonte de reflexão para a pesquisa de doutoramento da professora Fabiane Tejada, intitulada “A constituição do sujeito histórico freiriano: construções da práxis de uma espect.-atriz/professora”, defendida em 2011 no Programa de Pós- Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFPel (indico a tese nas referências deste estudo para consulta aprofundada).

Durante a disciplina alguns alunos que demonstraram o interesse, seguiram estudos sobre a temática junto com a professora da disciplina Fabiane, e realizaram ações dentro da comunidade do Dunas (bairro de Pelotas), durante o Fórum Social de Periferias no mês de fevereiro de 2010, com uma das técnicas do Teatro do Oprimido, o Teatro Fórum. A partir disso os alunos propuseram criar o Projeto de Extensão TOCO.

O Teatro do Oprimido é um método teatral que visa não somente conhecer a realidade das minorias, mas sim transformá-la em busca de um mundo mais igualitário. Augusto Boal, o criador do Teatro do Oprimido, considera que todos somos atores, até quem não trabalha com a arte do teatro, apostando na ideia de que o espectador seja um "espect/ator", quebrando a quarta parede e fazendo parte da cena, de espectador para ator, a cena se identifica com a vida real, situações do cotidiano, instigando o espectador a revolucionar sua própria história, ou aquilo que vimos dentro da sociedade, como meio de um pensamento crítico, revolucionário, e quebrando os tabus da sociedade, discutindo sobre o que é banalizado.

O Teatro do Oprimido apresenta um arsenal de técnicas teatrais como o Teatro Fórum, que é o citado acima, Teatro Imagem, Teatro do Invisível, Teatro Legislativo, Teatro Jornal, Arco Íris do Desejo - Teatro e Terapia.

Teatro Imagem é uma técnica que se trabalha através da discussão do tema a ser encenado pela cena dramática. Diferente do teatro fórum, o teatro imagem não trabalha com falas, como em uma cena tradicional. Essa técnica traz a linguagem corporal como fator conhecedor da cena, o ator vai ao palco e constrói a cena de forma corporal, cena essa que manifeste a opressão discutida em grupo. O espectador por sua vez, é convidado a participar da cena, para desconstruir a tal opressão em cena, colocando seu corpo na cena, tocando e movendo os atores, como se fossem massas moldáveis e modificando para uma forma para que não se perceba mais ali uma imagem de opressão.

Teatro Invisível é uma técnica que tem a intenção do experimento teatral não ser reconhecido como tal pelos espectadores, seria um “teatro público invisível como teatro”. A ideia principal seria provocar algum tipo de reação espontânea, sentimento, questionamento e fazer que o público reflita sobre a cena que está acontecendo, como se esta não fosse ficção e sim realidade. Quem sabe até com a intervenção do espectador, não sabendo que é um teatro, mas provocando sua ação e reflexão sobre determinada opressão.

Teatro Legislativo é outra técnica, criada para mudar ou criar leis, buscando uma história real de certa comunidade, até chegar em suas opressões, observar os conflitos que estão em foco e o caminho a ser percorrido até a solução. Essa solução em vista pode ser uma lei pensada através da técnica do teatro do oprimido para aquela comunidade, transformando em direitos da população.

Teatro Jornal é o teatro feito a partir da dramatização de notícias de jornais, revistas e anúncios, o público que encenará a cena, descrita na história real do jornal, a história será trazida para a cena. Dentro da técnica existem várias possibilidades a serem trabalhadas com o Teatro Jornal:

“Leitura simples”, destaca-se a notícia que se pretende trabalhar, e faz uma leitura da mesma, de forma objetiva desvinculando-a da ideologia do jornal em que ela se encontra.

“Leitura cruzada”, busca-se duas fontes da mesma notícia e faz-se a leitura de ambas ao mesmo tempo, de forma que surjam novos olhares.

“Leitura complementar”, acrescenta-se dados/fatos que foram omitidos na notícia, para direcionar o pensamento do leitor.

“Leitura com ritmo”, a notícia é anunciada pelo canto, escolhendo-se um ritmo musical que funcione como “filtro” crítico do que se está falando.

“Ação paralela”, cria-se cenas de mímica ou de “fiscalização” paralelamente a leitura da notícia.

“Improvisação”, explorar a maior possibilidade de improvisação de cenas sobre a notícia.

“Histórico”, apresentar a notícia e encenar, paralelamente, cenas de fatos históricos idênticos a ela, já acontecidos em outros tempos e espaços.

“Reforço”, utilização de canto, dança, retroprojetor, jingles de publicidades e outros artifícios que reforce o que está sendo lido.

“Concreção da abstração”, busca-se o que está implícito na notícia (normalmente fatos que oprimem) e revela na forma concreta da imagem, através de grafismos ou cenas dramáticas.

“Texto fora do contexto”, encenar a notícia num contexto ao qual ela não caberia, como por exemplo, um pastor coberto de ouro e com vários seguranças, pregando aos seus fiéis o desapego material." (<https://www.google.com.br/amp/s/www.infoescola.com/artes-cenicas/teatro-do-oprimido/amp/>)

Desde a criação do projeto TOCO, já passaram vários egressos do curso de teatro, o projeto contou com a participação de alunos de outros cursos também. Meu início no projeto se deu no ano de 2017. No ano anterior, 2016, conheci e participei de duas reuniões, mas oficialmente entrei no ano seguinte, participando de algumas manifestações, performances de rua e vários encontros, até chegar no trabalho na escola Santa Rita, com as oficinas de Teatro do Oprimido.

Em uma dessas oficinas, me lembro bem de uma aula que me marcou bastante na escola, uma cena de teatro imagem montada com os alunos do segundo ano do ensino médio, onde ali criaram uma cena de violência doméstica e ao finalizar da cena, pude ver a potência que ela tinha. Ao assistir a cena era perceptível a opressão dentro da imagem, era tão forte que parecia real, onde o rapaz, pai de família estava prestes a agredir a esposa dentro de casa, e ali depois os espectadores buscavam uma alternativa com outro caminho que transformasse aquela opressão em não opressão. Segue abaixo a imagem da cena, durante a aula.

Imagem 1- Oficina sobre violência doméstica



Fonte- Autor

Outra imagem da mesma turma e oficina, era de um casal de negros que estavam sendo presos. Na busca do caminho diferente da opressão, os alunos tentaram mostrar, como os negros poderiam se libertar desta opressão, colocando-os em outras posições que na maioria das vezes são ocupadas por brancos na sociedade. Abaixo imagens da cena.

Imagem 2 e 3- Oficina sobre pautas raciais



Fonte- Autor

Através do meu trabalho na escola Santa Rita, fui ministrar uma oficina de Teatro do Oprimido, representando o TOCO na Escola Almirante José Saldanha da Gama, no sábado temático sobre bullying. Adorei participar e ver como-os estudantes percebiam e se identificavam-nas cenas e imagens propostas por eles mesmos.

Imagem 4 e 5- Roda de conversa e atuação



Fonte- Autor

Na imagem\_4 estamos em roda com alguns alunos da escola, os turnos estão misturados, em manhã, tarde, noite, EJA e alguns professores da escola que estavam presentes no evento. Esta ação foi umas das muitas que foram importantes em meu caminho pelo TOCO, mais uma de várias experiências que passei, que só me agregou novos conhecimentos sobre ensinar e aprender teatro.

O Projeto de Extensão TOCO ficou bastante conhecido entre a comunidade acadêmica através de suas ações. Em especial nas manifestações de ruas no ano de 2018, contra os cortes na educação. Abaixo algumas imagens das participações do TOCO nas ruas da cidade de Pelotas.

Imagem 6 e 7- Atuação em manifestações



Fonte- Autor

Muitos foram os caminhos percorridos durante os anos que participo do projeto, muitos aprendizados desenvolvi como ministrante das oficinas fora do campo acadêmico, porém gosto de afirmar que eu aprendi mais do que tentei passar. Acredito

que todo aquele estudante da UFPel que passa pelo TOCO, mergulha fundo e não sai o mesmo, é uma imersão linda de luta por ideais.

O TOCO é um projeto de ação política transformadora dentro da sociedade. Sempre gosto de manifestar em reuniões com calouros do curso, a importância de todos os projetos do curso, seja de extensão, ensino ou pesquisa, tu sai com uma bagagem, transformado, capacitado, até porque, os professores do curso de Teatro Licenciatura, da Universidade Federal de Pelotas, são profissionais capacitados, que muito agregam e somam para nossa formação de futuros professores e profissionais da área do teatro. Então, cada projeto do curso, é de suma importância para a formação do futuro professor ou professora.

#### 4. A importância do teatro do oprimido na escola

Como já citado no capítulo acima, eu pude observar vários tipos de opressão dentro da escola, enquanto oficinairo, tanto entre alunos, quanto entre alunos e professores, me preocupa ver um docente reproduzindo ações opressivas para com alunos dentro de sala de aula, é um ponto que me faz questionar de onde parte esse ensinamento, baseado no que e em que?

Desde que comecei a estudar para ser professor, me apoio nos estudos de Paulo Freire. Também no teatro do oprimido discutimos textos freirianos entre outros que embasam a formação de um educador crítico. Acredito na formação de educadores para estimular um olhar mais sensível sobre o outro.

No livro de Paulo Freire, *Pedagogia da Autonomia*, ele aborda que "ensinar exige bom senso"

Ao pensar sobre o dever que tenho, como professor, de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, devo pensar também, como já salientei, em como ter uma prática educativa em que aquele respeito, que se dever ter ao educando, se realize em lugar de ser negado. Isto exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo a avaliação do meu próprio fazer com os educandos. (FREIRE, 2013, p 38)

Esse trecho, me faz pensar sobre o trajeto vivenciado enquanto discente, do que aprendi, do que vi e ouvi, e tendo esse olhar mais crítico e sensível, pude observar muitos momentos em que questioneei que tipo de docente eu desejo ser, será que através de atitudes eu não estaria usando em algum momento eu não poderia usar dessa "autoridade" e me perder no "autoritarismo", nesse processo de discente eu pude observar situações que caíam nesse nível, que vinham dos próprios professores da escola onde ministrei oficinas durante dois anos com o projeto e até mesmo dentro da universidade, onde seria um lugar de aprendizado.

Senti e percebi muitas vezes essa condição do professor para com o próprio aluno que de alguma forma rebaixam a competência do saber, como até mesmo de achar que todos os alunos têm que ser um modelo único, sempre percebi existir aluno/alunas preferidos/as para desenvolverem trabalhos com alguns professores, no caso os que se destacavam em determinadas atividades, aqueles com potencialidades "mais visíveis" em alguns casos. Certamente, neste contexto, alunos

com as dificuldades que eu tive quando ingressei na Universidade se sentem preteridos, desconfiados de suas próprias possibilidades de "ser".

Este saber, o da importância desses gestos que se multiplicam diariamente nas tramas do espaço escolar, é algo sobre o que teríamos que refletir seriamente. É uma pena que o caráter socializante da escola, o que há de informal na experiência que se vive nela, de formação ou deformação, seja negligenciado. Fala-se quase exclusivamente do ensino dos conteúdos, ensino lamentavelmente quase sempre entendido como transferência do saber (Freire,2013.p.44).

Infelizmente, tive contato com professores que rotulavam estudantes mais vulneráveis emocionalmente, destacando-os com um olhar de que "aquele é limitado, não vai agregar". A partir desta reflexão, a pergunta que fica é qual o cuidado que eu devo ter em relação a isso, sendo um docente em formação em busca de uma prática educativa crítica?

Quando entramos na universidade, geralmente romantizamos esse novo momento em nossas vidas, mas não é algo tão fácil, é um caminho difícil, árduo e cansativo, que exige muita disciplina de si próprio, mas muito genuíno também, em um curso de teatro, já imaginamos que seja quem sabe um caminho cheio de flores, musicais, arte, somente coisas boas a se referenciar, porém com minha vivência, eu também percebi ser um lugar competitivo, como em muitas outras áreas profissionais, onde muitas vezes eu via que um queria ser melhor que os outros, as vezes até diminuir o outro, era assim que me sentia, e isso não partia somente de alguns alunos, mas as vezes de professores, era nítido que os que mais se destacavam eram os que mais tinham suas atenções, nem sempre era algo igual para todos, eu trago comigo um sonho, e eu de certa forma desde minha infância alimentei esse sonho, mesmo que quando eu era pequeno eu não via como algo que eu pudesse alcançar, mas eu ousei sonhar e correr atrás desse sonho, e mesmo com algumas limitações internas que no início do curso me fazia não conseguir avançar.

Observei que em um certo momento fui retirado de um projeto de pesquisa por um professor que não via em mim um potencial de aprender, esse professor via que em todas as aulas que eu tinha com ele, eu tinha fortes crises de ansiedade, onde muitas vezes minha reação ou era eu sair correndo de desespero ou ter um ataque de pânico e nervos. Hoje com uma visão mais aprofundada sobre o papel de um profissional da licenciatura eu sei que se fosse eu no lugar daquele professor, eu agiria com mais preocupação em relação ao meu aluno, perguntaria se estava bem, se eu

de alguma forma poderia ajudar, se teria algum exercício que pudesse ser útil para que aquela atividade pudesse ser praticada por aquele aluno.

Eu era recém chegado, cheio de conflitos internos, crises de ansiedade e pânico no auge, ainda não estava em um tratamento, mas aquele lugar fazia parte dos meus sonhos e desejos, e estar ali era uma conquista pra mim, mas que em algum momento senti esse professor que não teve uma sensibilidade com seu aluno, um olhar sensível como muitas vezes citei aqui, senti como se jogasse um balde de água fria sobre tudo que eu queria, quando ele me diz que eu não poderia continuar no projeto por eu não ser participativo, que estavam com outros critérios, eu não agregava pra aquele grupo, não rendia, eu aceitei aquilo pra mim, e ingeri dentro de mim durante muitos anos que mesmo sendo meu sonho, meu chão, eu não agregava, eu não ia conseguir, me sentia frustrado durante muitos anos, aquilo pra mim foi opressivo, e aquelas ideias começaram a se reproduzir na minha mente, não gerando boas reflexões.

São experiências que mais uma vez trago como questionamentos aqui, que tipo de profissional eu quero ser? Como eu sendo um arte educador posso trabalhar às limitações de um aluno recém chegado à uma universidade ou qualquer outro espaço educativo formal ou informal? Como contribuir com a formação daquele aluno, fazer com que ele consiga se sentir vivo e bem vindo dentro daquele processo?

Como alinhar minha pesquisa sobre o trabalho em que estou exercendo com tal turma de alunos, se aquilo é ou não certo, se cabe ou não o exercício planejado? Me fazer essa crítica interna antes, me faz sentir necessário entender a metodologia que estou aplicando primeiro em mim, depois no outro. Como Paulo Freire cita, sobre a discência e docência, entendo da mesma forma, por que isso reverbera em como eu me espelharia enquanto licenciando.

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina a aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém (Freire, 2013. p. 12).

Sempre digo e afirmo isso, que em todas as atividades que trabalhei até o momento atual, eu sempre saio aprendendo mais do que o que passo ensinando, por que de certa forma algo sempre acaba me sensibilizando, seja um exercício que flui

e conecta os outros a um entendimento mais de si, de como um exercício pode fazer com que nos reconheçamos, nos traz a um eixo, e ao mesmo tempo nos leva a vários lugares de entendimento e criticidade.

Em minha discência ainda em formação, eu pude refletir que tipo de docente quero ser, que profissional pretendo ser, entendo que aprendi também com os pontos negativos dos docentes que estiveram próximos de mim, ao longo de toda minha vida de estudos na escola formal, sei quais os caminhos que não quero seguir, busco uma ideologia de educação transformadora, crítica e olhar sensível, que reverbera o melhor do outro, sensações positivas, uma ação libertadora como Freire cita na Pedagogia da Autonomia.

## **5. A importância do teatro do oprimido na formação do acadêmico do Curso de Teatro Licenciatura: diálogos com a experiência vivida**

Afirmo aqui, que depois de experienciar, ministrar e me apoiar no teatro do oprimido, como base de ferramenta de estudo, entendo a importância deste trabalho dentro da escola como meio de construção de uma comunidade pulsante, em permanente transformação. A comunidade a que me refiro, não se limita ao espaço físico escolar, mas sim a todas as pessoas e projetos envolvidos com aquele lugar, me refiro há um grupo de interesses comuns pela formação de pessoas.

A professora Vera, diretora do Santa Rita, nos apresentou uma escola viva, pulsante, relacionando-se ativamente com os pais dos estudantes em encontros festivos, para comer, em articulações com projetos desenvolvidos por políticas governamentais como “o mais educação”. Foi muito importante participarmos de um projeto de extensão para além das fronteiras da Universidade. Entrei na comunidade escolar e aprendi muito com ela, amadureci como pessoa. Fiz amigos no Santa Rita, assim como faço hoje na Associações de Pais e Amigos de Jovens e Adultos com Deficiência-APAJAD, novo espaço de atuação do Projeto TOCO em 2022, onde também ministro oficinas e vivencio a prática de meu Estágio III (foco em comunidades extra escolares)

Aprendi com o Teatro do Oprimido que nos bairros, nas periferias, nas praças, nas escolas, em todo lugar, enquanto houver opressão, estaremos ali, lutando e resistindo, usando do teatro como possibilidade de desconstruir ações opressivas. Ouvi certa vez, uma frase que fala sobre o afeto, mas o afeto no sentido de afetar, ser afetado por algo, ser tocado, quando eu sou afetado, algo acontece, sinal que algo reverberou em mim, isso pode ser algo positivo como também algo negativo, mas trazendo pra dentro desse viés de entender o teatro, o teatro do oprimido como esse lugar onde sou afetado por algo, por um sentimento de transformação, de entender meu lugar, seja de opressor ou de oprimido, aí já é uma posição de percepção, de conseguir quebrar uma barreira, me perceber como opressor ou oprimido, já é um passo para querer (ou não) sair desse lugar, aceitar (ou não) uma transformação, uma regeneração, achar uma solução pra novo caminho.

A obra de Augusto Boal, “Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas” me trouxe inquietações e respostas para o meu processo de formação, através do Teatro

do Oprimido eu pude começar a refletir sobre meu papel na sociedade, me entender como um estudante negro e gay, dentro e fora do espaço acadêmico, o TO me serviu de instrumento para poder lutar lá fora também, me deu forças para quando entrei em coletivo de militância, coragem pra gritar e manifestar minha indignação contra todos os tipos de opressões e desigualdade. Me inspiro nas palavras de Boal para pensar no professor de teatro que se constitui com o propósito de “transformar o espectador, ser passivo no fenômeno teatral, em sujeito, em ator, em transformador da ação dramática” (BOAL, 1988, p.138).

Antes de entrar na universidade eu não tinha muito conhecimento sobre questões políticas e identitárias, muito vezes passavam por mim palavras e frases que eram de cunho racista, machista e homofóbico, mas era "normalizado" e mascarado como algo banal e comum no meio da minha família, tratando como uma brincadeira, hoje eu me vejo aqui, conseguindo ter espaço para apresentar minha voz, usando do teatro para conseguir de alguma forma combater essas atitudes, seja no meio familiar, social ou acadêmico.

O teatro é político, ele nos posiciona e Boal trabalha com essa perspectiva potencializada, que luta pelas causas na própria cena teatral, e isso fez eu me armar, me trazer para dentro dessa reflexão. “o teatro como ensaio para a realidade.” Muitas das vezes quando eu me percebia ali no lugar do oprimido, a minha mente aceitava aquela opressão por uma certa fragilidade que havia ali, aquilo se reproduzia dentro da minha cabeça fortificando a ideia daquela opressão, hoje eu entendo que aquilo se tornou uma opressão interna, de quando Augusto Boal fala em uma de suas técnicas do Arco Íris do Desejo, e todo esse ensinamento e aprendizado que Boal traz, me fez entender e perceber o lugar que eu estava e como eu podia combater através de suas técnicas essas opressões e não mais aceitá-las.

Todo esse olhar de sensibilidade que o teatro me traz, é o que me faz pensar sobre quem sou, quem quero ser, e como eu posso usar do teatro para auxiliar na mudança social para dentro da sociedade e comunidade, em como a arte vai afetar o outro, se em algum momento eu me senti afetado, transformado de forma sensível e terapêutica, eu também quero que essa arte chegue em outras pessoas, que através do teatro do oprimido vidas possam ser libertas de uma situação de opressão, seja

ela de uma violência doméstica, uma situação de racismo, homofobia, xenofobia ou tantas outras que permeiam nossa sociedade.

O TOCO vem me formando professor a partir da reflexão que faço com base em algumas reflexões de Paulo Freire a Augusto Boal, que nos chamam a uma prática educativa e artística para ação transformadora da sociedade, justamente porque se comprometem em denunciar esta sociedade que é injusta e faz a maioria das pessoas passarem por privações que inviabilizam suas capacidades de serem sujeitas das suas histórias, as adocece, humilha e mata. No entanto, tanto Freire quanto Boal nos mostram possibilidades de anúncios de esperanças, de transformação sensível da desumanização, um com o foco na educação e o outro com o foco na Arte Teatral. Procurei neste estudo enfatizar isso, em diálogo com a minha experiência vivida no projeto.

## 6. Considerações Finais

Em todo meu trajeto acadêmico muito eu aprendi e acredito que muito ainda tenho que percorrer e aprender, o caminho é longo, cansativo, mas sei que será prazeroso, o TOCO - Teatro do Oprimido na Comunidade me forma não só como um ministrante do TO, mas forja o meu caráter, me dá munção para a vida, este projeto foi quem me fez dar os primeiros passos dentro de uma escola, onde eu me desestabilizava só de imaginar que em algum momento chegaria nas disciplinas de estágio pra ministrar aulas, e o Toco me deu essa oportunidade linda antes dos estágios, me dando segurança e me fazendo entender que aquele espaço era sim uma possibilidade de trabalho para mim e quebrando meus medos e aflições, me trouxe paz e gratidão por estar ali.

Através deste projeto de extensão tive a oportunidade de levar esse trabalho para dentro da comunidade, não só nas escolas, mas também levando o teatro para dentro de associações de jovens e adolescentes que lutam para se manter vistos e reconhecidos dentro da sociedade.

“Programados para aprender” e impossibilitados de viver sem a referência de um amanhã, onde quer que haja mulheres e homens há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender. (FREIRE, 2013. P. 51)

Esse trecho da fala de Paulo Freire, se refere muito ao que vejo como docência e bem como sobre ser discente, como no próprio texto do livro Pedagogia da Autonomia, ele fala sobre não haver docência sem discência. A sede de esperança, de um caminho melhor através da educação e da arte. Quando eu passei pela experiência na escola Santa Rita, foi um momento crucial para muitos aprendizados e que me trouxe maturidade no olhar de futuro docente, como saber lidar com assuntos problemáticos em sala de aula, lembro de uma situação onde um aluno com seus mais ou menos 14 anos, um adolescente negro, que sempre chamava atenção por ser bem extrovertido, em uma ação de criação de teatro fórum, estávamos buscando situações de opressões reais e próprias deles, no início a palavra opressão não era bem familiar a eles, era mais comum falar "bullying" expressão mais usado no meio deles, neste dia esse jovem trouxe uma lembrança de outra escola em que foi chamado de "macaco" pelos seus colegas de sala, e ele retrucou dizendo que ele

não era macaco que, aquilo era bullying, a partir de nossas aulas e oficinas eles começavam a entender a importância do que estava acontecendo ali, começavam a ter noção do nosso trabalho, lembro que de forma de "brincadeira" quando algo acontecia em sala, eles diziam, professor, o fulaninho está me oprimindo aqui, aquilo era uma forma de perceber que algo já estava acontecendo, até por que no início do processo do trabalho na escola, eles não tinham o entendimento de que existia um limite de até que ponto a tal brincadeira poderia machucar o colega. A partir do momento que eles começaram a se entender como oprimidos e também com atitudes de opressores, que muitas vezes é o mais difícil, se perceber e entender que está sendo opressor com o outro, quando o ego fala mais alto, nos tapa a visão ao nosso redor e de nossas atitudes.

Este estudo é o início de uma reflexão que pretendo aprofundar ao longo de minha docência em teatro, ficam abertas novas possibilidades de identificarmos, expressarmos e vencermos nossas opressões mediados pelo Teatro do Oprimido, e irmos aos poucos contribuindo com a problematização desta sociedade que precisa se transformar para preservar e salvar vidas.

## REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

\_\_\_\_\_. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessário a prática educativa**. Rio de Janeiro. 46 ed. Paz e Terra, 2013

SILVEIRA, Fabiane Tejada da. **A constituição do sujeito histórico freiriano: construções da práxis de uma espect.-atriz/professora**. 2011. 150f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ufpel.edu.br/handle/ri/1753>. Acesso em 30 de outubro de 2022.